

MODOS DE SER, MODOS DE VER



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO
EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO
JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

SILVIA HUNOLD LARA (coordenadora) – ALCIR PÉCORÁ
CLAUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA
MARGARIDA DE SOUZA NEVES – SUEANN CAULFIELD

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA – JEFFERSON CANO
MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA – MICHAEL HALL
ROBERT WAYNE ANDREW SLENES – SIDNEY CHALHOUB

Consultoria deste volume

BRODWYN FISHER – IVANA STOLZE LIMA

ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA

MODOS DE SER, MODOS DE VER
VIAJANTES EUROPEUS E ESCRAVOS AFRICANOS
NO RIO DE JANEIRO (1808-1850)

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Se481m Sela, Eneida Maria Mercadante.
Modos de ser, modos de ver: viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850) / Eneida Maria Mercadante Sela. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

1. Africanos – Brasil. 2. Viajantes – Brasil – Séc. XIX. 3. Escravidão – Rio de Janeiro. I. Título.

CDD 305.8960981
918.1

ISBN 978-85-268-0827-0

301.4493098153

Índices para catálogo sistemático:

1. Africanos – Brasil	305.8960981
2. Viajantes – Brasil – Séc. XIX	918.1
3. Escravidão – Rio de Janeiro	301.4493098153

Copyright © by Eneida Maria Mercadante Sela

Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da UNICAMP
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus UNICAMP
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicina no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia 1870-1910*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.

25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*.

27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.

28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver: viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.

*Para Maria Aparecida Mercadante e
Irineu Sela, co-autores da autora, e metáfora
das certezas mais bonitas de minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Escrever estas palavras será tarefa triplamente difícil para mim. É preciso juntar os agradecimentos já feitos na tese de doutorado a outros, agora para pessoas que participaram do processo que transformou este trabalho em livro, o meu primeiro: poderá ser o único; poderá ser o mais fraco. Por ora, é o primeiro, e isso traz algumas implicações.

Num arroubo teleológico (prática tão condenável aos historiadores), se tempo e páginas eu tivesse, começaria agradecendo à gente da minha pequena e dadaísta cidade natal: os amigos de infância; os de até hoje; os tios e avós e outras figuras tão queridas que já se foram; os professores mais inesquecíveis, desde o curso primário até o colegial. Depois, agradeceria aos comparsas da adolescência, que me conheceram e apoiaram num momento eminentemente ridículo da vida e que, portanto, jamais poderão me levar a sério. Aproveitaria a oportunidade para me lembrar dos saudosos colegas da graduação e de alguns professores que, ao longo dessa época, me ensinaram os sentidos mais bonitos do ofício. Com certeza, o trabalho aqui materializado é, direta ou indiretamente, tributário de três décadas dessas múltiplas relações e etapas de vida. Que cada uma dessas pessoas possa se reconhecer neste parágrafo.

Infelizmente, a cultura acadêmica não incentiva expressões julgadas piegas. Sob protestos, pois, restringirei meus agradecimentos ao tempo do doutorado e ao que veio depois.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) financiou por quatro anos o projeto que resultou em minha tese. A seriedade e a pontualidade dessa agência propiciaram-me os meios materiais necessários para que a pesquisa se concretizasse nesses tempos tão adversos aos estudos acadêmicos.

Durante o período de coleta das fontes, contei com a gentileza dos funcionários das diversas instituições que visitei. Primeiro, as “pratas da casa”: Sandro e Sílvia, da Biblioteca do IFCH, e Marta, da Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da UNICAMP. Da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, levo em meu coração o carinho e a atenção diferenciada do pessoal da Divisão de Iconografia: seu então chefe, Joaquim Marçal, Léia, Mônica, Lúcia, David e Késiah. No IEB–USP, fui atendida pelas senhoras Flora e Diva, sempre delicadas. Na Seção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, abusei das dicas valiosas de Bruno e da paciência de Marilza; não me esqueço, também, da prontidão da diretora Marfísia Lancellotti ao me permitir fotografar partes de algumas obras. Incluo aqui um agradecimento especial ao atencioso Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, que muito generosamente permitiu nova reprodução fotográfica, sem encargos, das imagens pertencentes àquela instituição que são reproduzidas neste livro.

O Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT) foi meu lar intelectual desde seu surgimento, em meu segundo ano de graduação. Os professores, colegas, bolsistas e funcionários de lá sempre me forneceram auxílio e estímulo constantes, respondendo aos vários gritos de socorro que emiti. Menção honrosa a Luciana Barbeiro e Flávia Peral, amigas e detentoras da vara de condão antipepinos em geral. “Esse tatu tá véio mas vive cavucano!”

Robert Slenes, que discorda da conjunção da frase acima, é responsável — por meio de suas incríveis dicas bibliográficas, de seus comentários e de suas obras — por parte dos rumos que tomou minha tese. A ele e aos professores John Manuel Monteiro, Karen Macknow Lisboa e Lilia Moritz Schwarcz agradeço as críticas generosas, elucidativas e incentivadoras que recebi durante a defesa do doutorado. Apesar de meus suores frios (reais e metafóricos), foi um privilégio ser avaliada por banca de tamanho calibre.

Minha turma de doutorado soube dosar alteridades e alterações com galhardia. Desse grupo, alguns nomes me são especiais. Nadia se dispôs, como eu, a sair de sua trincheira para que construíssemos uma amizade. Marcelo Balaban foi companheiro de

frutíferas discussões éticas e abstinências. Maria Claudia Bonadio usa cores contagiantes nas roupas e no coração. Luciana Gandelman foi-me excepcional na amizade e na paciência. Talvez isso não se deva unicamente à sua nobreza de alma, mas por dividir comigo o tão temido signo zodiacal.

Ana Carolina Feracin: amiga-irmã, irmã-amiga, um amor dos grandes, desses para sempre. Que mais posso escrever para você, caipora? Só me ocorrem impropérios, os nossos impropérios, tão evocados, tão necessários. Quando eu finalmente puder lhe dar um exemplar da edição, providencie uma folha de papel adicional, que a dedicatória será prolixa.

Às professoras Ivana Stolze Lima e Brodwyn Fischer, que compuseram a banca do concurso de publicações ao qual minha tese foi submetida, serei eternamente grata por terem julgado este trabalho adequado ao prelo. Mas eu nem teria participado desse processo seletivo sem o incentivo primeiro do professor Fernando Teixeira da Silva, que fez ouvidos moucos quando minha insegurança alegou ser necessário “muito verniz para tornar decente o material”. Ainda lhe devo uma cerveja?

Incentivo e cerveja remetem-me a duas outras pessoas especialíssimas. Gláucia Fraccaro e Samuel Souza. Eles chegaram “atrasados” nesta história toda, já nos últimos meses da redação da tese. Mas o carinho e as afinidades que logo estabelecemos tornaram antiga nossa amizade — não em termos cronológicos, mas nos termos que realmente importam. *The Beast and the Whore rule without control*.

Aos meus pais, dedico este trabalho e muitos outros esforços e resultados. Nada será suficiente, entretanto, para retribuir a natureza do amor que me dão: não é somente “amor de pai e mãe”, aquele estabelecido pelo senso comum, mas um amor sábio e feliz que me enche de orgulho e admiração. Eles pensam que já estou “criada”, mas nos últimos anos é que tenho colhido mais e mais de suas lições.

Kika (Nadir, mas o apelido é o que vale) sempre foi avessa a lições, mas desde o final da redação de minha tese tem-me dado as suas: de coragem, resistência e superação. Meus respeitos.

Os dois “Zés”, Antonio e Irineu, continuam me achando a irmãzinha engraçada e irascível a quem eles apresentaram o melhor do velho *rock’n’roll* e outras coisas imprescindíveis, por vezes involuntariamente. Fico feliz que esta publicação não me angarie mais respeito deles, porque também não mudará a ternura dos abraços apertados que ganho quando nos encontramos.

Minha irmã Ge (Maria, mas o apelido...) é forte como aço, linda como as mulheres lindas, e etérea como as borboletas de que tanto gosta. E eu a amo como amiga, filha e mãe. Por sua cumplicidade, alegria e bravura, sei que, mesmo estando sempre a voar, ela é um de meus portos seguros.

Todos os nomes e instituições mencionados aqui me ajudaram, das mais variadas e importantes formas, a construir este trabalho. Duas pessoas, porém, participaram mais proximamente da caminhada específica que resultou neste livro.

Silvia Hunold Lara foi minha orientadora por mais de uma década, desde a iniciação científica, além de seus vários cursos que, ao longo da graduação e da pós-graduação, tive a preciosa oportunidade de frequentar. Durante esse trajeto, ela me ensinou com brilhantismo e rigor irreprocháveis o melhor do nosso ofício, oferecendo-me também amizade e compreensão. Por tudo isso, dedico-lhe imensa admiração e afeto, considerando-me, honrada, sua eterna aprendiz. Com ela, divido apenas os méritos desta publicação que, obviamente, lhe coube prefaciá-la. MUITO OBRIGADA!

Por fim, meu agradecimento a Cida Mellin é absolutamente inócuo porque há certas coisas impossíveis de agradecer. Certas e tantas que dariam um livro. Para retribuir-lhe à altura, nem mesmo se eu conseguisse ressuscitar sua amada Billie para um *show* particular. Decidi, pois, ater-me a algumas questões pontuais, porém decisivas. Durante os anos de pesquisa para a tese de doutorado, Cida tolerou minhas ausências ou me fez companhia quando pôde, familiarizando-se paulatinamente com o obsessivo mundo dos historiadores. Durante o sofrido processo de escrita da tese, ela se acostumou às minhas longas horas de silêncio diante do computador e também com os barulhos da madrugada. Nunca

descuidou do suprimento de chocolates nem de qualquer outro elemento necessário à minha saúde física e psíquica. Por ter apostado em mim mais do que eu mesma, com ela divido apenas as alegrias desta publicação.

E, se acaso me esqueci de agradecer a alguém, aceitem uma justificativa à guisa de perdão: mesmo que tão obtuso, meu coração ainda funciona melhor do que a memória.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	19
INTRODUÇÃO	23
I CORES E FORMAS DA INFERORIZAÇÃO.....	39
II OS VIAJANTES E SEUS CÂNONES.....	151
III UMA VITRINE DE "MIL NUAÇAS"	233
IV A TAXONOMIA DAS NAÇÕES.....	313
CONCLUSÃO DE AFRICANOS, GENETICISTAS E HISTORIADORES.....	399
FONTES.....	407
BIBLIOGRAFIA GERAL	417

PREFÁCIO

O Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, abrigava uma das maiores concentrações de escravos urbanos das Américas. O tráfico, que vinha crescendo desde o final do século XVIII, havia aumentado consideravelmente, trazendo uma multidão de homens e mulheres da África — especialmente da África Centro-Occidental — para o Brasil, em particular para a região Sudeste, onde se concentravam as plantações de café. A grande maioria passava pelo Rio de Janeiro e muitos acabaram ficando na cidade que, desde o início do século, se expandia cada vez mais.

Apesar de as cifras serem um tanto escorregadias, os historiadores chegam a estimar que, para o período entre 1811 e 1830 (enquanto o tráfico era uma atividade legal no Brasil), 470.600 africanos passaram pelo Porto do Rio de Janeiro. Eram entre 17 mil e 37 mil africanos chegando a cada ano, conforme as flutuações do comércio negreiro nesse período.¹ Os números são eloqüentes, sobretudo se comparados aos dados sobre a população residente na cidade.

Em 1821, por exemplo, um recenseamento contou 116.444 habitantes para o município, 86.323 deles vivendo nas chamadas freguesias urbanas. Desses últimos, 46,77% eram escravos.² Em 1849, a população do Rio de Janeiro havia crescido mais que o dobro, atingindo 266.466 habitantes, dos quais a esmagadora maioria residia na área urbana (eram 205.906 almas, como então se dizia). Os escravos constituíam 38,30% dos cidadãos, que incluíam ainda um contingente de 5,21% de libertos. Eram 78.855 escravos, na sua maior parte homens e africanos. A historiadora Mary Karasch avalia que, entre 1830 e 1849, a porcentagem de africanos na população escrava variou entre dois terços e três quartos do total.³ Ou seja: havia um contingente significativo de pessoas que, depois de sobreviverem à travessia do Atlântico em navios negreiros, vi-

viam e trabalhavam como escravos no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX.

Foi nessa cidade, tão africana, que muitos viajantes europeus hospedaram-se, para estadas mais ou menos prolongadas. Antes da abertura dos portos, os estrangeiros só desembarcavam em casos excepcionais, depois de ser devidamente autorizados, e seus passos eram cuidadosamente vigiados. Com a Corte portuguesa instalada no Rio de Janeiro, eles começaram a chegar em número cada vez maior. Depois da Independência, a presença de estrangeiros aumentou ainda mais. Os motivos das visitas e viagens eram variados: comerciantes em busca de novos mercados, diplomatas e suas mulheres que se vinham instalar na nova Corte, militares contratados para organizar as forças brasileiras, naturalistas interessados em questões da ciência, pintores em busca de um estágio sob a luz dos trópicos... Cada um a sua maneira registrou sua permanência na cidade (às vezes longa, outras muito breve) e descreveu, de modo mais ou menos proposital, as viagens que realizou pelo país. Deixaram desenhos, aquarelas, diários, cartas pessoais ou oficiais, obras que foram publicadas na Europa e fizeram fortuna, ou que tiveram pouca repercussão: um conjunto diversificado e valioso, que constitui uma fonte praticamente inesgotável para os historiadores interessados na história social e especialmente na história da escravidão no Brasil da primeira metade do século XIX.

De início, os relatos dos viajantes e estrangeiros que estiveram no Brasil foram usados como uma forma de ultrapassar a aridez da documentação oficial e dos dados econômicos e demográficos. Aos poucos, de contraponto aos documentos oficiais, foram-se transformando — eles mesmos — em objeto de estudos. Nas últimas décadas, quase todos os que se debruçaram sobre seus textos e imagens mostraram como as lentes européias não eram tão transparentes assim: possuíam filtros que, de modos diversos, tingiam as informações oferecidas e, por isso, tinham que ser levados em conta na análise. Era necessário investigar melhor esses “observadores” do Brasil: conhecer as sociedades de onde vinham, os valores e conceitos que traziam em suas bagagens, os códigos e referências que usavam para se expressar. Era preciso também saber mais a